



Cineclube Surdo¹: expressão estética e política de uma minoria linguística

Fabiana Paula Bubniak² - fabiana.bubniak@ifsc.edu.br

Saionara Figueiredo Santos³ - saionara.figueiredo@ifsc.edu.br

RESUMO

O presente projeto apresentou produções cinematográficas realizadas por sujeitos surdos ou que representem a cultura dessa minoria linguística. O objetivo dessa proposta é apresentar e colocar em discussão as produções audiovisuais 'surdas' para melhor entender de que forma o sujeito surdo se apropria da linguagem cinematográfica e utiliza sua propensão à visualidade para representar sua cultura através do cinema. Para atingir esse objetivo, foi realizada pesquisa de obras cinematográficas de realizadores surdos ou de realizadores ouvintes que representem a cultura surda ao redor do mundo. Posteriormente, foram selecionadas as obras mais expressivas para serem exibidas nas sessões do cineclube. Após cada sessão, foi realizado um debate orientado por questões acerca da linguagem, estética e representatividade do surdo no cinema.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema. Surdo. Cultura Surda.

ABSTRACT

The present project presented cinematographic productions made by deaf subjects or ones that represent the culture of this linguistic minority. The purpose of this proposal is to present and discuss the 'deaf' audiovisual productions in order to better understand how the deaf subject appropriates

1 Projeto financiado pelo edital APROEX 01/2015 do Instituto Federal de Santa Catarina.

2 Doutoranda em Ciências da Linguagem e Professora de Produção Audiovisual no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Palhoça Bilingue.

3 Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Tradução no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Palhoça Bilingue

the cinematographic language and uses their propensity to visualize their culture through cinema. To achieve this goal, research was carried out on cinematographic works by deaf filmmakers or hearing filmmakers who represent the deaf culture around the world. Subsequently, the most expressive works were selected to be screened in the film club sessions. After each session, a discussion was conducted, guided by questions about the language, aesthetics and representation of the deaf in cinema.

KEYWORDS

Cinema. Deaf. Deaf Culture.

1 Introdução

A língua de sinais é notadamente uma língua viso-espacial. Existem muitas semelhanças entre a língua de sinais e a linguagem cinematográfica (CASTRO, 2012). Podemos concluir que o cinema e o vídeo são, portanto, meios naturais de expressão para o sujeito surdo. No Câmpus Palhoça Bilíngue, trabalhamos com a educação de surdos priorizando os aspectos da visualidade. É de grande importância entender de que forma o sujeito surdo se apropria da linguagem do cinema e se transforma de objeto em criador. Neste sentido, as ferramentas audiovisuais são utilizadas para comunicar a sua forma de ver o mundo e se ver representado, de forma real e não estereotipada, como sujeito atuante na sociedade e não mais relegado à visão opressora da desabilidade.

A invenção de equipamentos de captação da imagem em movimento (Cinema) abriu caminhos à comunidade surda antes inimagináveis. A possibilidade de registrar sua história e produção intelectual, antes impossível devido à característica viso-espacial da língua de sinais, fortaleceu a chamada Cultura Surda. A partir da legitimação da língua de sinais pelos linguistas, a cultura surda passou também a ser um objeto de estudo antropológico/etnográfico legítimo.

Uma das principais preocupações do Câmpus Palhoça Bilíngue e de qualquer instituição de ensino voltada à educação de surdos é o desenvolvimento de materiais didáticos adaptados à realidade do surdo. Muito se fala da visualidade do sujeito surdo e da facilidade que esse público tem para se expressar através de imagens (QUADROS, 2003). Vários estudos também apontam para comparações entre a linguagem cinematográfica e a língua de sinais (CASTRO, 2012). Outros tantos trabalhos se propõem a analisar de que forma o surdo é representado no Cinema (SCHUCHMAN, 1999). Porém, essa representação é, em sua grande maioria, feita por ouvintes com olhares externos à cultura surda, frequentemente pendendo ao estereótipo ou à vitimização do surdo. Existe a necessidade de estudar o surdo como realizador, como diretor de cinema, e também o resultado da sua criação, para descobrirmos de que forma o surdo utiliza os recursos cinematográficos para comunicar seu modo de ver o mundo.

Além de apresentar a realidade da cultura surda para o público interessado, a partir das sessões do cineclube, a própria comunidade surda pode opinar sobre o que viu retratado, em que medida se identifica com as obras, fornecendo subsídios para essa pesquisa cujos resultados contribuirão significativamente para o ensino de surdos. Assim, é fundamental que haja produção de materiais didáticos que se aproximem visualmente da linguagem utilizada pelos criadores surdos, como no ensino de técnicas audiovisuais que munirão os alunos de recursos para se expressarem para o grande público numa linguagem que é universal: o Cinema.

2 Metodologia

Os objetivos do presente trabalho são: identificar obras cinematográficas de diretores surdos ou de diretores ouvintes que retratem a cultura surda; divulgar essas obras para a comunidade surda e ouvinte interessada na cultura surda e identificar elementos estéticos, técnicos e temáticos utilizados nos filmes surdos.

Os requisitos de representatividade foram acordados entre a professora orientadora e a aluna bolsista e levaram em consideração aspectos estéticos e técnicos - além dos conhecimentos da professora no tema, foram levadas em conta opiniões de críticos especializados publicadas em revistas, catálogos de festivais etc. Quanto às obras de diretores ouvintes, foram selecionadas

aquelas com alguma aceitação na comunidade surda do país de origem, bem como a participação em festivais de cinema surdo - que já possuem critérios de seleção relacionados à cultura surda.

Como não se percebe ainda a existência de uma produção expressiva de cineastas surdos no Brasil, foi necessária a tradução dos filmes: das legendas em inglês ou espanhol para o português e/ou de uma língua de sinais específica para a Libras.

Após os filmes terem sido escolhidos, foi feita a divulgação das sessões do cineclube para a comunidade acadêmica do Câmpus Palhoça Bilíngue e para o público externo, através do site do câmpus, de lista de e-mails, cartazes, *flyers*, redes sociais e visitas presenciais.

As exposições ocorreram quinzenalmente, no Câmpus Palhoça Bilíngue, com a duração de três horas. Nas primeiras duas horas ocorreu a exibição do filme, no caso de longas-metragens ou filmes, no caso de curtas-metragens, e na última hora foi promovido um debate sobre aspectos estéticos, técnicos e temáticos das obras. Estimulou-se a discussão sobre o surdo como criador no campo da arte e da importância do ensino de técnicas audiovisuais que podem dar voz a esse público na cultura popular. Foram realizadas dez sessões com participação de alunos, servidores e membros da comunidade, tanto surdos quanto ouvintes. Todos os debates foram registrados em vídeo para posterior transcrição e avaliação dos resultados.

3 Resultados e Discussão

Foram exibidas dez produções audiovisuais diferentes durante as sessões do Cineclube Surdo (Figura 1). O projeto teve início com uma sessão especial para os alunos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do Câmpus Palhoça Bilíngue. Foram exibidos dois episódios do seriado americano *Switched at Birth* (2011), que mostra a relação entre adolescentes surdos e ouvintes. (Figura 2).

Filme	Data
1. Switched at Birth	01/04
2. Filhos do Silêncio	16/04
3. The Hammer	30/04
4. Nada Que Eu Ouça	06/05
5. Assassino em Silêncio	14/05
6. A Gangue	21/05
7. I Love You	28/05
8. Deafula	18/06
9. A Família Belier (Câmpus Palhoça)	25/06
10. A Família Belier (Associação de Surdos)	02/07

Figura 1: Lista de filmes e datas das exposições.

Fonte: Dados do projeto.



Figura 2: Debate após a primeira sessão do Cineclube Surdo

Fonte: Arquivo do projeto.

Posteriormente, foram selecionadas as obras de curta e longa-metragem mais expressivas que foram exibidas nas sessões do cineclube, a partir de critérios acordados entre professor orientador e bolsista, como: representatividade da cultura surda, uso de língua de sinais, presença de atores, membros da equipe ou diretor surdo(s). Para as sessões, foram convidados os servidores e alunos do Câmpus Palhoça Bilingue, os membros das associações de surdos de Palhoça, São José e da grande Florianópolis e o público em geral interessado em cultura surda.

Após cada sessão, foi realizado um debate orientado por questões acerca da linguagem e representatividade do surdo no cinema. Pretendeu-se estimular a discussão sobre o surdo como criador no campo da arte e da importância do ensino de técnicas audiovisuais que podem dar voz a esse público na cultura popular. Neste contexto, os intérpretes da instituição interpretavam estas mediações, tanto no início de cada filme quanto na discussão mediada pela professora ouvinte.

Neste tópico, apresentaremos o que foi proposto pelo cineclube, a opinião dos surdos presentes, bem como dois depoimentos de duas alunas do curso de Tradução e Interpretação em Libras, que participaram de algumas sessões. Na plateia, estavam presentes tanto alunos surdos quanto ouvintes que reconheceram na história exibida sua própria experiência, conforme depoimentos dados ao final da sessão. Dois depoimentos de alunos presentes foram coletados, ao fim da primeira sessão, onde foi exibido o seriado *Switched at Birth*. Eles declaram:

“É muito difícil a comunicação porque a gente não sabe Libras e eles não conhecem a Língua Portuguesa. Por isso, aprender sobre a cultura surda é muito bom. Eu fiz amizade com os surdos e aprendi muitas coisas com eles e acho que eles também aprenderam comigo. A gente vai conversando e compartilhando conhecimento”.

“Às vezes nós não conseguimos conversar com os ouvintes pelo desconhecimento que eles têm em relação a nossa cultura. Eu gostei muito da atividade porque houve bastante integração. Além disso, a série retrata muito a minha história. Eu estudei em uma escola onde tinham mais alunos surdos do que ouvintes”.

Em qualquer língua, a linguagem e a fluência é adquirida na vida social; interagindo em sociedade, no contexto de uma determinada língua, é que os sujeitos podem adquiri-la. Nesse sentido, a educação bilíngue:

[...] desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola (BRASIL, 2008, p. 11).

Nesse contexto, a educação bilíngue tem como preceito aceitar a diferença, promovendo um novo olhar para a diversidade (seja na relação ouvinte-surdo, surdo-ouvinte e até mesmo surdo-surdo). Nesse ínterim, no caso dos surdos, sua identidade (PERLIN, 1998) e cultura (STROBEL, 2008) devem ser respeitadas. O jeito surdo de perceber o mundo, com suas percepções visuais, além de sua língua, deve se inserir nesse contexto.

As sessões que se seguiram contaram com debates semelhantes. Nos filmes, foram abordados temas como o oralismo, presente no filme *Filhos do Silêncio* (1986) e implante coclear, no filme *Nada Que Eu Ouça* (2008). A inversão da representação do surdo no cinema de vítima a vencedor, como no filme *The Hammer* (2010). Os temas abordados nos debates corroboram as afirmações de Schuchman (1999) de que, no cinema, os personagens surdos “eram representados como vítimas dependentes, objetos de pena ou tragédia” até o filme *Filhos do Silêncio* que trouxe o surdo para o protagonismo pela primeira vez.

Uma discussão muito presente nos debates entre os surdos foi a diferença entre as diversas línguas de sinais pelo mundo, como no ucraniano *A Gangue* (2014), o japonês *I Love You* (1999) e o francês *A Família Bélier* (2014).

No dia 21/05 foi exibido o filme *A Gangue*, onde todos os personagens eram surdos.

Figura 3: Cena do filme A Gangue.

Fonte: Divulgação na internet.



Neste sentido, as duas alunas do curso de Tradução e Interpretação puderam observar que:

“os surdos gostaram bastante, pois o filme era na língua de sinais, mesmo que esta não fosse a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Os surdos se sentiram representados e identificados, pois perceberam que havia surdos atores e diretores. Nem sempre conseguiram entender todos os sinais, mas a grande maioria era perceptível pelo contexto e pelo visual do filme. O interessante é que, neste momento, todos os espectadores (surdos e ouvintes) tinham o mesmo entendimento do filme, já que era numa língua de sinais estrangeira e desconhecida por todos. O filme é escuro, desfocado e exige esforço para que as pessoas consigam compreender.”

Além disso, percebemos que surgiu nesta discussão o preconceito entre os surdos, já que o grupo de surdos no filme era preconceituoso com o surdo que tinha síndrome de down. Para os surdos espectadores do filme, este surdo que também tinha síndrome de down, precisaria ser acolhido pelos outros surdos e não deixado de lado, como aconteceu no filme. As alunas continuam seu depoimento quanto às atitudes do público surdo na exibição do filme:

“As cenas de sexo, violência e o aborto clandestino também causaram discussões e divergências de opiniões entre o que é certo e o errado. Não houve nenhuma falta de respeito com o conteúdo do filme e este gerou discussões profundas sobre sexo e morte. O final do filme também foi chocante, já que um dos surdos mata todos os seus amigos de grupo, também gerando discussão após o filme sobre o assunto”.

“Foi unânime o fato de que todos os personagens eram surdos, deixando claro para eles que independente da sua condição de serem surdos, eles podem atuar e que o surdo não precisa se vitimizar; ele é um ser capaz de chegar onde quiser. Além disso, um dos surdos ressaltou que os surdos não são padronizados. A comunidade surda não é perfeita. Os surdos podem ter maldade, podem ser violentos, como em qualquer grupo social. Os surdos quiseram mostrar que a comunidade surda é também um espelho da sociedade dos ouvintes. Além disso, surgiu na discussão o preconceito entre os surdos, já que o grupo de surdos no filme era preconceituoso com o surdo que tinha síndrome de down”.

Discussões em torno da estética e da linguagem também surgiram, como no filme tailandês *Assassino em Silêncio* (2000) (Figura 4) em que a visualidade é muito presente. *Deafula* (1975), único filme de terror, todo em língua de sinais americana, despertou curiosidade e também gerou discussões produtivas acerca do surdo como realizador de cinema.

Figura 4: Cena do filme Assassino em Silêncio.

Fonte: Divulgação na internet.



4 Conclusões

Durante o processo de escolha dos filmes a serem exibidos no Cineclube Surdo, houve uma dificuldade em encontrar obras dirigidas por surdos. Das dez sessões, três contaram com filmes de diretores surdos, o que evidencia que nem sempre a cultura surda vem sendo contemplada conforme deveria, pelos próprios indivíduos surdos (STROBEL, 2008).

Esse fato vem corroborar a ideia de que o sujeito surdo ainda não tem uma voz presente na mídia, principalmente no contexto da direção de filmes. Já nos filmes que contam com personagens surdos, nem todos retratam a cultura surda de uma maneira fiel, colaborando para ratificar a posição de vitimização em que os personagens surdos se encontram no cinema. Pois, como afirmam Schuchman (1999):

Mesmo que alguns dos filmes discutidos aqui nessa pesquisa demonstrem algum conhecimento de aspectos da surdez, nenhum lida com a surdez de uma maneira que reflita um entendimento da cultura surda. Até que filmes retratem a existência de uma comunidade surda ativa e saudável, é improvável que os americanos enxerguem além dos mitos patológicos que tornam o dia-a-dia difícil para o sujeito surdo. (SCHUCHMAN, 1999)

O Cineclube Surdo atingiu seu objetivo no sentido de mostrar o sujeito surdo sob outra luz. O projeto visou trazer à tona uma visão antropológica do ser surdo, retratando sujeitos que fazem parte de uma minoria linguística e uma comunidade com uma cultura própria (PERLIN, 1998; QUADROS, 2003; STROBEL, 2008).

Nos debates realizados ao final de cada sessão ficou claro o interesse por parte dos ouvintes em conhecer melhor o universo surdo e dos surdos em produzir produtos culturais que retratem sua língua e sua cultura.

5 Referências

- A FAMÍLIA Bélier. Direção de Eric Lartigau. Paris: France 2 Cinéma, 2014. (106 min).
- A GANGUE. Direção de Miroslav Slaboshpitsky. Kiev: Ukrainian State Film Agency, 2014. (132 min).
- ASSASSINO EM Silêncio. Direção de Oxide Pang. Bangkok: Danny Pang Film Bangkok, 2000. (105 min).
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> Acesso: 16 ago. 2015.
- CASTRO, Nelson Pimenta de. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. 165f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- DEAFULA. Direção de Peter Wolf. Ventura: Signscope Films, 1975. (95 min).
- FILHOS DO Silêncio. Direção de Randa Haines. Los Angeles: Paramount Pictures, 1986. (118 min).
- I LOVE You. Direção de Akihiro Yonaiyama. Tokio: All Japan Film Center, 1999. (111 min).
- NADA QUE Eu Ouça. Direção de Joseph Sargent. Los Angeles: Hallmark Hall of Fame Productions, 2008. (120 min).
- PERLIN, Gládis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- QUADRO, Ronice Müller. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 05, p. 81-111, 2003. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/05_quadros.pdf> Acesso em: 23 jun. 2015.
- SCHUCHMAN, John S. **Hollywood Speaks: Deafness and the Film Entertainment Industry**. Chicago: University of Illinois Press, 1999.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SWITCHED AT Birth. Direção de Lizzy Weiss. Burbank: ABC Family, 2011. (90 min).

THE HAMMER. Direção de Oren Kaplan. Los Angeles: Film Harvest, 2010. (108 min).